

1

Dos três principais programas de teleteatro da TV Tupi, o TV de Comédia foi o último a nascer e nele se processou, mais do que nos outros, o descobrimento do autor nacional e a afirmação de uma dramaturgia escrita especificamente para a televisão.

A gênese do programa difere, em parte, dos demais teleteatros daquela emissora, pois seu principal produtor, Geraldo Vietri, ao ingressar na televisão, em 1957, jamais tivera laços com o rádio e, mesmo em relação ao palco, seu único vínculo era com o teatro amador.

Nascido e criado no bairro da Mooca, “numa época onde os apartamentos ainda quase não existiam”⁽¹⁾, Geraldo Vietri, anos depois, retrataria em suas peças muitos dos cenários em que a sua infância havia se desenrolado e a gente com a qual conviveu. Descendente de italianos, Vietri aproximou-se da carreira artística através de um tio, possuidor de uma fábrica de móveis no Brás — A Elite dos Móveis — a qual fornecia mobiliário para as companhias teatrais, principalmente italianas, que, na época, se apresentavam no antigo Teatro Colombo, no Largo da Concórdia. Por fornecer os móveis de cena, esse tio tinha direito a um camarote permanente no teatro, mas como Geraldo Vietri era pequeno ainda, este não podia freqüentar os espetáculos à noite. Mesmo assim, Vietri, quando alguma companhia se apresentava, ali comparecia quase que diariamente para assistir aos ensaios que se realizavam à tarde. Fascinado, em seus sete a nove anos de idade, ele acompanhava o trabalho dos atores, cantores, orquestras — “às vezes eram operetas” — e a marcação da iluminação, cada vez mais apaixonado pela magia do palco. Retornando à casa, entusiasmado, ele rabiscava textos e obrigava a irmã menor e primos a decorarem e representarem o que escrevia, formando assim “uma espécie de teatrinho”. Só muitos anos depois, Vietri viria a perceber que sempre escrevera, obrigara a meninada a decorar e representar seus textos, mas que ele mesmo jamais pensara em representar. Desde essa época, o seu interesse realmente voltara-se para o ato de escrever e dirigir. Foi como diretor que, na juventude, ele se dedicou ao teatro amador, encenando peças nacionais com o grupo do Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo.

Mas Vietri, além do teatro, sofreu duas outras grandes influências: o rádio e o cinema. Em suas palavras:

“No rádio da época havia a mesma febre de novelas que há hoje na televisão. Havia uma emissora especializada em novela que era a Rádio São Paulo. (...) E, eu confesso, seguia todas porque me apaixonava. (...) Então o rádio — como ouvinte, não como trabalhador do rádio — deve ter me influenciado muito”.

Apassionado também pelo cinema, ele chegou a odiar a televisão:

“Não vi com bons olhos a televisão, pois achava que ela ia matar o cinema (...) E na época o que eu queria era fazer cinema. (...) Nem futebol eu via porque eu era... contra a televisão. Até que, um dia, eu percebi que nada poderia destruir o cinema (e) que havia uma nova forma de arte que era a televisão...”⁽²⁾

Em virtude desse fascínio que sentia pelo cinema, tão grande quanto o que experimentava pelo teatro, Vietri começou a tentar aproximar-se daquele. Um dia, finalmente, conseguiu um modesto emprego como “assistente de sala de montagem” na companhia de cinema Maristela, de propriedade de Mário Autran. Apesar do nome de sua função, na verdade o que ele fazia era varrer a sala quando o montador saía. Mas o que interessava a Vietri era estar em contato com aquela gente de cinema e, além do mais, ele ia aprendendo aos poucos os macetes do ofício. Por essa época, dois atores da PRF-3 TV Tupi, Marli Bueno e Machadinho, encontravam-se trabalhando num filme da Maristela, e Vietri, criando coragem, falou aos dois artistas que “gostaria de fazer televisão”. Marli Bueno e Machadinho apresentaram-no então ao diretor da emissora, Cassiano Gabus Mendes, explicando as ambições do rapaz. Cassiano interessou-se pelo caso e pediu a Vietri que escrevesse, à guisa de teste, duas peças, uma comédia e um drama. Cheio de esperanças, ele escreveu a comédia *Vende-se um Passado* e o drama *Uma Pires Camargo*. (Foto 31) Mas as ambições de Vietri não iriam se concretizar de imediato. Após a entrega dos textos ao diretor artístico da emissora, que prometeu lê-los, seguiu-se um período de seis meses, no qual o jovem Vietri ia praticamente todos os dias ao Sumaré para saber se aquele já lera os seus trabalhos. Finalmente, um dia, Cassiano recebeu-o, dizendo-lhe que considerara os textos bons e acrescentando, para surpresa de Vietri, que este escolhesse uma peça, ensaiasse a mesma com o seu grupo e a levasse no Grande Teatro Tupi. Entusiasmado com a chance, Vietri pegou o primeiro texto estrangeiro que lhe caiu nas mãos, *Arsênico e Alfazema* de Joseph Kesselring, e levou-o a Cassiano, que aprovou a escolha. Outros seis



(Foto 31) Laura Cardoso, Marlene Morel, ator não identificado e Amândio Silva Filho em *Vende-se um Passado*, de Geraldo Vietri. TV de Comédia — TV Tupi — São Paulo. Foto/Arquivo de Fernando Balleroni e Laura Cardoso

(1) Depoimento de Geraldo Vietri ao IDART, São Paulo, 12 de novembro de 1977. Todas as citações deste capítulo foram retiradas desse depoimento.

(2) Depoimento de Geraldo Vietri ao IDART, São Paulo, 12 de novembro de 1977.